

MULHER TRABALHADORA: CONSTRUINDO A IGUALDADE E A DIVERSIDADE DE GÊNERO NA ESCOLA¹

WORKING WOMEN: BUILDING GENDER EQUALITY AND DIVERSITY IN SCHOOL

Frederico Alves Lopes
Eurídice Maria Amélia de Campos Ferreira
João Pedro Pereira Oliveira
Fernanda Gomes da Silva

Resumo

O presente trabalho é um relato de experiência e tem a finalidade de inovar paradigmas educacionais. Relatamos nesse texto uma prática educativa inovadora, ocorrida na Funec-Nova Contagem, intitulada “Mulher Trabalhadora”. No referido projeto, foi proposta a construção de Fanzines pelos próprios estudantes para discussões sobre as desigualdades de gênero presentes em nossa sociedade. Tipo singular de jornal, o fanzine é construído artesanalmente, com baixo custo, de forma manual. Ao final, o resultado surpreendeu, com o lançamento de oito fanzines, em um sarau realizado na escola, como fechamento do projeto. Concluímos que, no Ensino Médio, precisamos de inovação didática. Nossos adolescentes são capazes, mas necessitam de educadores que acreditem no seu potencial, que os incentivem a acreditarem em si e em suas habilidades cognitivas e artísticas e, sobretudo, ofereçam aos jovens estímulos novos, atraentes e lúdicos.

Palavras-Chave: Igualdade de Gênero. Fanzines. Mulher Trabalhadora. Ensino Médio. Produção Literária.

Abstract

¹ O projeto “Mulher Trabalhadora” contou com a colaboração dos estudantes, professores e funcionários da Funec-Nova Contagem. Agradecemos todas e todos que contribuíram para sua concretização.

This article aims to innovate educational paradigms. We report in this text an innovative educational practice, which took place at Funec-Nova Contagem, entitled "Working Woman". In the mentioned project it was proposed the construction of Fanzines by the students themselves for discussions on the gender inequalities present in our society. Unique type of newspaper, the fanzine is handcrafted, with low cost, manually. In the end, the result surprised everyone, with the release of eight fanzines, in a school performance, as a closing project. We conclude that in high school we need didactic innovation, our adolescents are capable, but they need educators who believe in their potential, who encourage them to believe in themselves and their cognitive and artistic abilities and, above all, to offer young people new and attractive stimuli and playful.

Keywords: Gender equality. Fanzines. Working Woman. High school. Literary Production.

Introdução

O Projeto "Mulher Trabalhadora: construindo a igualdade e a diversidade de gênero na escola" foi desenvolvido no ano de 2015 na Fundação de Ensino de Contagem (FUNEC), Unidade Nova Contagem, com participação dos estudantes do ensino médio, sob orientação dos professores, para ser o Eixo Temático da escola naquele primeiro trimestre, e, dado seu sucesso, foi posteriormente apresentado no encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) em 2017.

A escolha do Eixo Temático do projeto com o referido tema se deu por votação na escola pelo corpo docente, levando em consideração a urgência do assunto levantado em debates ocasionais propostos também pelos alunos. Além disso, o tema "Mulher Trabalhadora" estava na pauta do dia, pelas comemorações do dia Internacional da Mulher (oito de março) e dia Internacional dos Trabalhadores (primeiro de maio), somando as datas e pautas para nosso tema de discussões, eis uma temática que somasse mulher e trabalho.

A partir dessa tematização, a hipótese de estudo mais aprofundado foi unânime, tendo o objetivo de conscientizar os estudantes, os próprios professores e a comunidade escola-família em seus diversos anseios, propôs através de um método inovador, um trabalho realizado pelos próprios estudantes, através da confecção de Fanzines. O Fanzine é uma espécie de jornal artesanal, chamado carinhosamente de “Zine”, muito utilizado por poetas e artistas marginais, difundido pela cultura punk e proposto por nós na expectativa de alçarem os estudantes no papel de protagonistas, com a realização de um material didático confeccionado por eles próprios.

A ideia de alçar os estudantes ao status de protagonistas, não meros receptores de informações repassadas pelos professores, se baseia no projeto de educação mais amplo, não somente uma educação voltada para formar para o mercado de trabalho, mas uma formação para a vida. Deste modo, buscamos uma educação com reflexão e promoção da cultura geral, não somente sua reprodução, mas antes de tudo, com problematização da nossa própria cultura, nossa realidade.

Uma educação que se propõe como finalidade formar alguém para ocupar um cargo de funcionário ou ganhar dinheiro não pode ser chamada de educação para a cultura, mas apenas uma indicação do caminho que o indivíduo deverá percorrer para manter-se vivo (NIETZSCHE *apud* NEUKAMP, 2004, p. 104).

Sendo assim, que os alunos compreendem e vivenciem as experiências propostas, que a cultura no sentido mais simples de sua concepção seja almejada como um caminho digno de ser percorrido para mantê-los vivos, mas também, para refletirem e transformarem suas próprias vidas, eis o objetivo do nosso trabalho “Mulher Trabalhadora”. Compreender a realidade marcada pela desigualdade de gênero para construirmos um caminho de construção de igualdade nessa mesma realidade. Tal como afirmado em um relato feito por um estudante:

O projeto foi construído de uma maneira bem diferente ao qual estava habituado, ele deu uma autonomia para os alunos o que particularmente me deixou mais à vontade, foi o primeiro projeto escolar que eu não me senti como uma peça de um jogo, onde faço algo para ser avaliado em pontos e fim! Nesse projeto me vi como realmente um integrante que produziu algo junto a colegas visando compartilhar o que foi produzido (Relato de estudante participante, 2018).

Em tempos de “escola sem sentido”, é necessário audácia e coragem para propor projetos questionadores, tudo mais com debates sobre violência e desigualdade de gênero, palavras execradas por alguns, termos proibidos, censurados por aqueles que pretendem uma educação voltada somente para a reprodução da desigualdade e produção de mão-de-obra barata. Estes projetos educacionais censuradores são “uma radicalização de tentativa de ordenamento e controle do processo de escolarização, baseados em ameaça e criminalização em substituição ao diálogo” (LOPES; SIQUEIRA, p. 6, 2017). E aqui apresentamos uma prática pedagógica inovadora e questionadora, “Mulher Trabalhadora”, projeto desenvolvido por professores e estudantes corajosos, sonhadores com um Brasil mais igualitário, com a produção de oito Zines.



Zines “Mulher Trabalhadora”, Funec Nova Contagem, 2018.

Construindo a diversidade com igualdade

Trazer a discussão sobre gênero para dentro da escola através da temática da “Mulher Trabalhadora” foi o objetivo principal deste projeto, principalmente nos tempos que correm, onde certos assuntos estão sofrendo censura de serem trabalhados no espaço escolar. O que é gênero, essa palavra proibida que está sofrendo perseguição e sendo atacada por defensores de uma “escola sem sentindo”, uma escola censurada?

Guedes (1995), estudiosa do assunto, afirma que a definição do conceito de gênero “torna-se, complicada, pois além de apresentar vários significados, agrega no seu bojo os sentidos mais amplos ligados a "caracteres convencionalmente estabelecidos", bem como a "atividades habituais decorrentes da tradição." Assim, podemos falar de gênero textual, gênero linguístico, gênero alimentício, gênero poético, em uma infinidade de possibilidades.

Nosso recorte é o conceito de gênero instituído no campo de estudos mais recentes das ciências humanas. Tal como apontado por Carloto (2001), a categoria de gênero “vai ser desenvolvida pelas teóricas do feminismo contemporâneo sob a perspectiva de compreender e responder, dentro de parâmetros científicos, a situação de desigualdade entre os sexos e como esta situação opera na realidade”. Deste modo, gênero “adquire um duplo caráter epistemológico, de um lado, funciona como categoria descritiva da realidade social, referindo-se a diversas formas de discriminação e opressão, [...] e de outro, como categoria analítica, como um novo esquema de leitura dos fenômenos sociais” (CARLOTO, 2001). Assim, de forma sucinta, diferencia-se o gênero do sexo biológico, enquanto o primeiro se refere às categorias inatas do ponto de vista biológico, ou seja, algo relacionado com feminino (vagina) e masculino (pênis), o gênero, por sua vez, diz respeito aos papéis sociais relacionados com a mulher e o homem, ou seja, como aquilo que é construído a partir da identidade e das relações sociais.

De acordo com Guacira Louro (1995), em seu artigo “História e educação: construção e desconstrução” o conceito de gênero vai representar uma mudança de paradigma:

Dentre essas diferentes perspectivas, surge o conceito de gênero, referindo-se à construção social e histórica dos sexos, ou seja, buscando acentuar o caráter social das distinções baseadas no sexo. Num primeiro momento, as feministas anglo-saxãs que passam a empregar o conceito têm como alvo os partidários das interpretações biologistas, aqueles que atribuem às diferenças biológicas as distinções sociais, ou melhor, que ancoram na biologia os arranjos sociais desiguais e hierarquizados de homens e mulheres. O uso do conceito tem também, a princípio, uma motivação estratégica, no sentido de tentar contribuir para a legitimação dos estudos sobre a mulher, conferindo-lhes um caráter mais acadêmico e menos militante. Não me parece, no entanto, que sejam essas razões que justificam por que gênero conseguiu se consolidar, mas sim sua carga conceitual mais densa e compreensiva, já que aí se inscrevem não apenas o social, mas também o biológico, a cultura e a natureza.

Deste modo, reflete Louro (1995) que em todas as instituições e aspectos da vida em sociedade estão presentes a ideia de formação, socialização e educação dos sujeitos com base em diferenciações de gênero.

Uma compreensão mais ampla de gênero exige que pensemos não somente que os sujeitos se fazem homem e mulher num processo continuado, dinâmico (portanto não dado e acabado no momento do nascimento, mas sim construído através de práticas sociais masculinizantes e feminizantes, em consonância com as diversas concepções de cada sociedade); como também nos leva a pensar que gênero é mais do que uma identidade aprendida, é uma categoria imersa nas instituições sociais (o que implica admitir que a justiça, a escola, a igreja, etc. são "generificadas", ou seja, expressam as relações sociais de gênero). Em todas essas afirmações está presente, sem dúvida, a ideia de formação, socialização ou educação dos sujeitos.

A autora Cláudia Vianna (2012), por sua vez, relacionando gênero com a instituição de políticas públicas afirma que cabe destacar uma importante

dimensão conceitual em todos esses trabalhos mais recentes: a imbricação entre gênero e sexualidade, considerados conceitos distintos, mas não excludentes. Alguns desses estudos já ampliam a análise do processo de democratização da educação e suas demandas para a população LGBTT, Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais e Transgêneros, destacando seu caráter heteronormativo.

Pelo caráter abstruso do tema, Vianna (2012), reitera uma dificuldade de trabalhar com essa temática, principalmente no bojo escolar:

É também objeto de condenação a pouca relevância da temática da diversidade sexual no contexto de elaboração dos PCN. Ela aparece apenas na introdução ao documento, na introdução aos temas transversais [...] Assim, é possível afirmar, até este momento, a ênfase na redução da sexualidade à heterossexualidade e destacar a restrita menção da homossexualidade [...] o silenciamento da discriminação sofrida pela população LGBTTT. O que prevalece é a reiteração compulsória da heterossexualidade [...] são os trabalhos mais recentes os que vão problematizar essa questão, com destaque para a crítica ao processo de invisibilização da população LGBTTT no cotidiano e na organização escolar.

E para questionar esse silenciamento da violência cometida contra mulheres e população LGBT que propusemos o Projeto “Mulher Trabalhadora”. Durante o primeiro trimestre do ano letivo, cada sala, com seus respectivos professores orientadores, estudou e pesquisou sobre o tema das relações de gênero e das desigualdades de gênero de forma interdisciplinar, incluindo exposições de filmes, estudos orientados e pesquisa de músicas relacionadas com a temática geral. Com uma abordagem prática e criativa o trabalho se tornou inicialmente de caráter investigativo, sendo realizada também uma série de pesquisas sobre importantes identidades femininas na história da América Latina, dentre as quais: Frida Kahlo, pintora mexicana; Dandara dos Palmares, guerreira negra do período colonial do Brasil; Blanca Canales, educadora e líder do Partido Nacionalista de Porto Rico; entre muitas outras.

Durante os três primeiros meses do ano letivo os conteúdos curriculares de cada área foram colocados em diálogo com o tema da "Mulher Trabalhadora" para comemorar os dias 8 de março e 1 de maio, dia da mulher e dia do trabalhador, respectivamente. O projeto foi interdisciplinar, ou seja, todas as disciplinas deveriam girar seus conteúdos curriculares em torno do tema geral "Mulher Trabalhadora", promovendo um diálogo e interdisciplinarizando o ensino. E após a fase de pesquisa o conhecimento reunido foi transcrito e passado para outras pessoas em forma de “Zine”.

Foram eleitos três professores coordenadores gerais do projeto: Artes: professora Fernanda Gomes, Sociologia: professor Frederico Lopes e Filosofia: professora Eurídice Campos, pela afinidade e iniciativa da ideia. Após eleição dos

estudantes, cada turma escolheu dois professores orientadores e estes ficaram responsáveis por orientar, planejar e contribuir no estudo e na produção dos “Fanzines”.

Os professores juntamente com os estudantes ficaram dois meses pesquisando e estudando sobre o tema “Mulher Trabalhadora” em suas respectivas disciplinas e aulas. Reuniões quinzenais aconteciam entre os professores para analisarem o desenvolvimento do projeto, assim como encontros entre os estudantes e os respectivos professores orientadores, mesmo durante as aulas para orientação e planejamento. Cada sala assistiu e discutiu um filme com a temática das relações de gênero, tais como: Persépolis, Sonhos Roubados, Acorda Raimundo...Acorda!, entre outros.

Músicas relacionadas à temática geral, como por exemplo, Mulheres de Atenas (Chico Buarque), Pagu (Rita Lee), Desconstruindo Amélia (Pitty), incluindo outros clássicos da MPB que também foram trabalhados, com discussão das letras e da mensagem passada pelos artistas. Após bastante estudo, no terceiro mês começou a produção dos Zines por cada sala, com uma semana inteira para produção de desenhos, sinopses de filmes, poesias, e demais matérias para comporem os jornais. Os estudantes de cada sala foram divididos em grupos menores, de acordo com o interesse, para confeccionarem as partes do Zine: turma da sinopse do filme; turma da poesia; turma de matérias jornalísticas; turma da música, turma da impressão e turma da capa e contracapa.

Como destaca um estudante participante do projeto e produtor do Zine, o aspecto artístico é essencial, sem, contudo, levar em conta a característica científica das pesquisas:

O projeto desenvolvido no primeiro trimestre de 2015 foi um marco importante na minha passagem pelo ensino médio. O trabalho trouxe alguns pontos diferentes em seu contexto; o primeiro foi uma maturidade maior ao abordar o tema, o que resultou em uma maior absorção do que é produzido o que consequentemente gera uma conscientização de aplicar o aprendizado em nossas vidas. O segundo foi a dinâmica cooperativa na construção, o projeto contou com trabalho em equipe de todas as partes tanto alunos quanto professores. E o terceiro ponto foi a criatividade na produção do trabalho, habitualmente fazíamos trabalhos que acabaram se firmando como rotina, algo

que sempre seguia os mesmos padrões de construção e apresentação, mas com uma pegada artística o trabalho rompeu com esses padrões e trouxe uma dinâmica muito mais empolgante para construção enquanto trabalho escolar e uma forma muito mais fluida e interessante enquanto projeto de conscientização da comunidade (Relato de estudante Funec, 2018).

Cada sala elegeu um estudante líder, para fazer a ponte entre todos os grupos e os professores orientadores. A professora de artes, Fernanda, trabalhou produção artística com todos estudantes, para produzirem desenhos e pensarem o designer dos jornais. Professores de Português trabalharam produção literária, incentivando os envolvidos a escreverem matérias e poesias para comporem o jornal. Professores de Sociologia e Filosofia, Frederico e Eurídice, se ocuparam de dar suporte a todos estudantes na discussão sobre a desigualdade de gênero presente em nosso país, a violência contra a mulher e população homossexual, assim como também a violência praticada pela mulher.

Foram eleitas nesta pesquisa, estudantes para se responsabilizarem por recortes de jornais e revistas, com notícias mais recentes, para servirem de possíveis ilustrações e materiais para os Zines, levando à comunidade as notícias numa perspectiva diferenciada dos meios jornalísticos usuais, causando um impacto positivo tanto na comunidade, estudantes e até mesmo em professores *a priori* apáticos com o projeto.

Professores de Biologia e Física, Darci e Michel, por exemplo, trabalharam os temas da diversidade sexual e da gravidez na adolescência, temas controversos, mas importantíssimos de serem trabalhados na escola. Pois, como afirmado pelo relatório da Nações Unidas no Brasil, publicado em 28 de fevereiro de 2018:

A Taxa de gravidez adolescente no Brasil está acima da média latino-americana e caribenha. A taxa mundial de gravidez adolescente é estimada em 46 nascimentos para cada 1 mil meninas entre 15 e 19 anos. No Brasil, a taxa é de 68,4 nascimentos para cada 1 mil adolescentes. A América Latina e o Caribe continua sendo a sub-região com a segunda maior taxa de gravidez adolescente do mundo,

Professores de educação física trabalharam sobre o cuidado com o corpo e mente e a interação de meninos e meninas em esportes considerados exclusivos para os meninos. Além disso, foram levadas a cabo pesquisas para o resgate de nossa

memória, de mulheres atletas de grande performance, como por exemplo a nadadora brasileira Maria Lenk, que com 17 anos foi a primeira sul-americana a participar de uma Olimpíada, em 1932; A carioca Aída dos Santos a primeira mulher brasileira a disputar uma final Olímpica em salto em altura na competição de Tóquio, em 1964; As meninas da dobradinha brasileira do vôlei de praia em Atlanta 1996, com Jacqueline e Sandra, medalha de ouro; Hortência no basquete, Daiane dos Santos na ginástica Olímpica, e a nossa querida Marta no futebol feminino (ZINES FUNEC NOVA CONTAGEM, 2015). Enfim, o esporte foi utilizado como uma ferramenta de reflexão para a igualdade e diversidade de gênero.

O desenvolvimento do projeto não se deu, contudo, sem obstáculos. O primeiro desafio do projeto foi formar toda a equipe da escola a trabalhar junto em torno de um Eixo Temático, ou seja, um tema em que todas as disciplinas devem girar seus conteúdos, realizando um diálogo entre conhecimentos tradicionais das áreas com a temática específica.

Outro desafio foi incentivar os estudantes a produzirem com suas próprias mãos, de maneira artesanal, seus jornais. Dizem no começo que não conseguem, mas, no final, a soma das contribuições formam relevantes materiais. Os resultados alcançados foram exitosos, para além de nossas expectativas iniciais.

Ao final do trimestre, mais exato no dia 12 de junho, dia dos namorados, foi realizado um Sarau Cultural com o lançamento dos oito (8) Zines produzidos, com apresentações musicais e poéticas desenvolvidas pelos próprios estudantes. Cada sala montou sua banca, adornadas e enfeitadas, para apresentação dos Fanzines produzidos e sua distribuição. Juntamente houve o Sarau, onde todos, sendo funcionários, professores ou alunos, poderiam subir ao palco e cantar, recitar poemas, dançar, enfim improvisar.



Sarau Cultural, Funec Nova Contagem, 2015.

Após o esgotamento dos exemplares, foi realizada uma reedição dos jornais artesanais e um relançamento para um público exterior à escola, com a participação dos estudantes na 69ª reunião da SBPC, na UFMG. O projeto não cessou, pois os materiais produzidos são atuais e didáticos, sendo utilizados durante as aulas. A expectativa é fazer uma terceira edição, com tiragem maior, para distribuir e divulgar os Fanzines para um público mais amplo, dentro da programação do XI Simpósio de Pedagogia: Boas Práticas Educativas, desenvolvido na PUC Minas.



Lançamento 2ª Edição e Apresentação SBPC, 2017.

Considerações finais

As informações contidas nos Zines nos levam a refletir sobre a violência doméstica, o lugar da mulher em nossa sociedade, a desigualdade salarial, gravidez na adolescência, mulheres importantes em nossa história, entre outras questões relacionadas às relações de gênero. Enfim, como produto final cada sala produziu um Zine, sobre a temática geral "Mulher Trabalhadora", discutindo e chamando a atenção da comunidade escolar para a desigualdade e violência de gênero em nosso país. Com coragem nosso projeto foi exitoso, pois que que nossa concepção de educação é libertadora, ao tempo que

Defendemos que a escola é (ou deve ser) o local da diversidade e da liberdade de expressão. Se a escola não trabalhar com a diversidade e pluralidade de ideias, censurando educadoras(es) e educandas(os), como defende [alguns], aí sim a instituição escolar estará objetivando a doutrinação de corpos e mentes. (SIQUEIRA, LOPES, p. 9, 2017).

A professora de Filosofia, Eurídice Campos, por exemplo, pesquisou junto com os alunos sobre a criminalidade feminina, o abandono das detentas nos presídios femininos, a violência contra a mulher LGBT no Brasil, onde foram levantadas questões polêmicas e necessárias ao conhecimento dos estudantes, assim como as leis específicas que foram feitas em função do gênero, como a Lei 11.340, conhecida como Lei Maria da Penha, sancionada em agosto de 2006, e a mais recente Lei 13.104/2015, a Lei do Feminicídio, sancionada em março de 2015, classificando-o como crime hediondo. É primordial o debate em questão devido aos altos índices de violência contra as mulheres no Brasil, como evidencia Waiselfisz (2012), em seu Mapa da Violência:

Com sua taxa de 4,8 homicídios por 100 mil mulheres, o Brasil, num grupo de 83 países com dados homogêneos, fornecidos pela Organização Mundial da Saúde, ocupa uma pouco recomendável 5ª posição, evidenciando que os índices locais excedem, em muito, os encontrados na maior parte dos países do mundo. Efetivamente, só El Salvador, Colômbia, Guatemala (três países latino-americanos) e a Federação Russa evidenciam taxas superiores às do Brasil. Mas as taxas do Brasil são muito superiores às de vários países tidos como civilizados: 48 vezes mais homicídios femininos que o Reino Unido; 24 vezes mais homicídios femininos que Irlanda ou Dinamarca; Esse é um claro indicador que os índices do País são excessivamente elevados.

Os resultados alcançados são mais pertinentes que poderíamos pensar. Primeiro e o mais importante: foi aberta uma janela para se discutir temas tabus em nossa sociedade: Violência contra a mulher e LGBTs; Legalização do Aborto; Machismo e Patriarcalismo; Gravidez na adolescência; Diversidade sexual; entre diversos outros temas relacionados às questões de gênero. Temas que estão na ordem do dia, mas que estão sofrendo tentativas de ataque e censura no interior do espaço escolar.

Segundo resultado alcançado que vale salientar é a construção e realização de um projeto interdisciplinar, pois todos sabem como é difícil unir esforços em trabalhos coletivos, contudo, o desenvolvimento de projetos coletivos é muito mais oportuno, pois gera mais profundidade com todas disciplinas trabalhando em conjunto.

Terceiro resultado foi a confecção dos Fanzines. Muitos duvidaram que os próprios estudantes pudessem produzir oito jornais artesanais com suas próprias

mãos, com um produto final bonito, didático e acessível. É necessário investir em mais projetos dessa natureza de produção didática, para avançarmos em materiais, para além do livro didático.

Quarto resultado alcançado foi a produção do Sarau Cultural como fechamento do projeto. Esse Sarau surpreendeu a todas e todos, pois não sabíamos que na escola existiam tantos talentos artísticos ocultos, que vieram à tona com apresentações de música, dança e poesia.

Quinto resultado foi a participação dos estudantes na 69^o reunião da SBPC, na UFMG, fazendo um relançamento dos exemplares para um público ampliado, fora dos muros da escola. Esperamos continuar na divulgação e ampliação desse projeto para outros estudantes, professores e população em geral, contribuindo na construção da igualdade e na valorização da diversidade em nosso país.

Vale destacar o relato de João Pedro, estudante protagonista, participante do projeto:

O Projeto "Mulher Trabalhadora: construindo a igualdade e a diversidade de gênero na escola", surgiu em meio à um período de transição na vida de alguns estudantes; na medida em que alguns alunos assim como eu haviam passado pelo término do ensino fundamental e estávamos tendo nossos primeiros contatos com o ensino médio. Baseando-se nisso cabe salientar dois pontos chave na minha experiência da construção do trabalho. Primeiro: diálogo entre as disciplinas durante o período do projeto; todo o início de caminhada provoca expectativas de algo novo, até então particularmente nunca havia trabalhado cada disciplina tendo como foco um centro de pensamento que interligasse cada uma. Segundo, não permitir que existam limites para o que é produzido: o projeto se iniciou no ano de 2015 durante o primeiro trimestre, e na medida em que produzimos, percebemos que a escola poderia funcionar como um receptáculo de boas ideias e ao mesmo tempo como uma ferramenta para compartilhá-las. E esse pensamento expandiu o trabalho para além das demarcações da Funec, sendo compartilhada primeiramente na nossa comunidade, depois no encontro da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC) em 2017 e agora em 2018 no XI Simpósio de Pedagogia: Boas Práticas Educativas na Puc Minas (Relato de João Pedro, 2018).

Considerando-se que trabalhos interativos visam adquirir novos conhecimentos e ajudam na construção da identidade dos estudantes, na medida em que há uma interação direta entre professor-aluno, aluno-aluno, aluno-família, o projeto proporcionou com êxito, uma exitosa troca de experiências agregando valor a todos,

dialogando o conhecimento produzido no interior da escola com a população, e a produção e multiplicação dos fanzines se tornou um meio de alcançar o propósito dessa reciprocidade da troca de conhecimentos, re-significando metodologias, despertando professores adormecidos em sua comodidade, incentivando-os para que incentivassem também os estudantes, pois os novos estímulos foram válidos para ambas as partes.

Os resultados superaram todas as expectativas iniciais, primeiro pelo envolvimento dos estudantes, que quando são desafiados a produzirem algo novo, se empenham em mostrar que são capazes, criativos e responsáveis. Trabalhar em equipe exige mais dedicação e paciência, contudo o resultado é surpreendente. Que nossos alunos tenham a audácia de pensar por si: *Sapere aude!*

Referências

FUNEC NOVA CONTAGEM. *Zines Mulher Trabalhadora*. Contagem: 1. ed., 2015.

GUEDES, Maria Eunice Figueiredo. Gênero o que é isso? *Psicologia Ciência e Profissão*, v. 15, n. 1-3, Brasília, 1995. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98931995000100002> Acesso em: 15 maio 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, história e educação: construção e desconstrução. *Educação & Realidade*, v. 20, n. 2, 1995. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/index.php/educacaoerealidade/article/view/71722>> Acesso em 03 maio 2018.

NEUKAMP, Elenilton. *As críticas do professor Nietzsche à educação de seu tempo*. Disponível em: <www.consciencia.org/nietzsche_educacao> Acesso em: 03 maio 2018.

ORGANIZAÇÃO Pan-Americana da Saúde/Organização Mundial da Saúde (OPAS/OMS), Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA). *Relatório de Taxa de gravidez adolescente no mundo*. Disponível em: <<https://nacoesunidas.org>> Acesso em: 03 maio 2018.

SIQUEIRA, C. Z. R; LOPES, Frederico A. *A Escola em Disputa: educação libertadora ou educação conservadora?* In: VIII Seminário Nacional Sociologia e Política, 2017, Curitiba. Anais VIII Seminário Sociologia e Política - ISSN 2175-6880, 2017. p. 1-18. Disponível em: <http://e-democracia.com.br/sociologia/anais_2017/pdf/GT09-38.pdf> Acesso em: 15 maio 2018.

VIANNA, Cláudia et al. Gênero, sexualidade e políticas públicas de educação: um diálogo com a produção acadêmica. *Revista Pro-Posições*, Campinas, v. 23, n. 2, p. 68, 2012. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/pp/v23n2/a09v23n2.pdf>> Acesso em: 02 maio 2018.

WAISELFISZ J.J. *Mapa da violência 2012: os novos padrões da violência homicida no Brasil*. Caderno complementar 1, Homicídio de mulheres no Brasil. São Paulo. Instituto Sangari. 2012. Disponível em: <https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2012/mapa2012_web.pdf> Acesso em: 03 maio 2018.